

Anayde Beiriz: mulher moderna numa Paraíba antiga

Anayde Beiriz: modern woman in an ancient Paraíba (Brazilian State)

Aureni Maria da Silva¹

RESUMO: Apresentamos neste artigo um estudo sobre as questões de gênero e os textos literários com práticas emancipatórias da professora e escritora Anayde Beiriz, que contribuíram para a historiografia da educação da Paraíba e do feminismo do Brasil. A pesquisa tem por objetivo apresentar ao público uma análise das contribuições para autonomia e emancipação feminina deixadas por Anayde Beiriz no tocante às mudanças comportamentais e de valores. Nosso estudo se fundamentou numa análise dos textos de autoria feminina durante o século XX.

ABSTRACT: We present here a study on gender issues and literary texts with emancipatory practices from the teacher and writer, Anayde Beiriz, that contributed to the historiography of education of Paraíba and feminism in Brazil. This research aims to present to the public an analysis of the contributions to female autonomy and emancipation left by Anayde Beiriz regarding changes in behavior and values. Our study was based by an analysis of texts from female authors during the twentieth century.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Igualdade de gênero. Emancipação feminina.

KEYWORDS: Women; Gender equality; female emancipation: Brazil and Paraíba.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe um estudo sobre os textos literários e a biografia da professora e escritoras Anayde Beiriz. A escolha desse nome se justifica pela grande contribuição deixada por essa educadora para a história da educação da Paraíba. Nas questões das práticas emancipatórias do feminismo da Paraíba e do Brasil, Anayde Beiriz também tem lugar de destaque.

¹ Mestre em História Contemporânea - Universidade Nova de Lisboa. Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Formação Teológica Seminário Diocesano da Paraíba, Conhecimentos Filosófico – UFPB, Professora Jovens e Adultos- Municipal de Santa Rita-PB. E-mail: aurenimsilva@outlook.com

Nosso estudo incidiu nos caminhos da emancipação feminina e práticas feministas na Paraíba, na primeira metade do século XX, com delimitação focada nos anos de 1905 a 1930. O objetivo central é investigar e historicizar as diversificadas práticas e manifestações culturais da professora e escritora Anayde Beiriz, que contribuíram para a historiografia literária paraibana, pela sua história de vida.

O interesse de pesquisar esse tema ocorreu pela leitura dos textos literários produzidos por Anayde Beiriz no que se refere às mulheres, à emancipação feminina e às práticas feministas na Paraíba, na primeira metade do século XX. Tendo como referência esses textos literários, veio o desejo de apresentar ao público contemporâneo as estratégias usadas por essa mulher que lutou pelas mudanças e por direitos políticos e educacionais para mulheres daquela época.

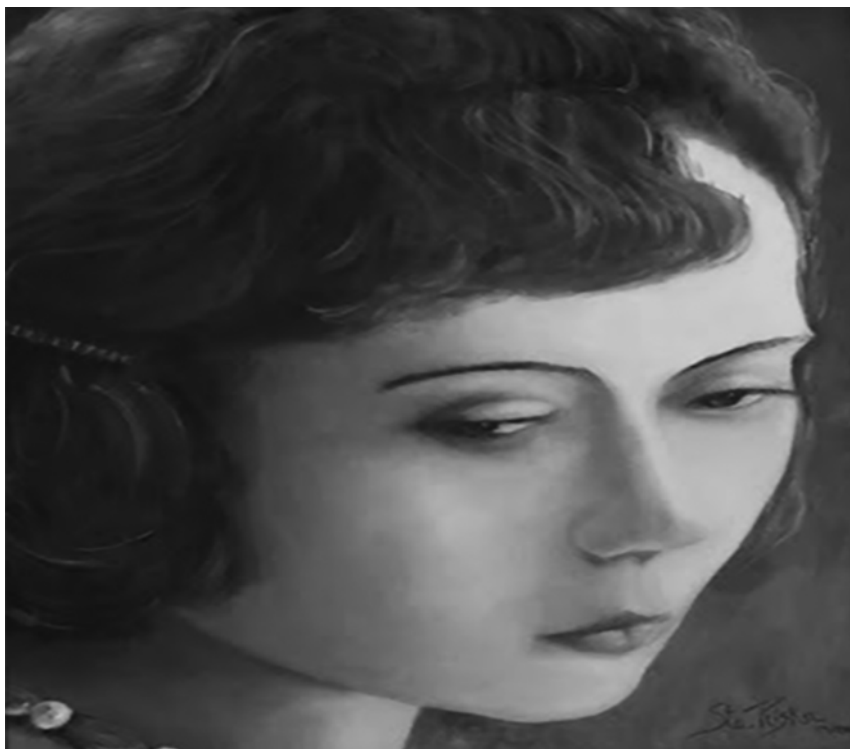
Anayde Beiriz, desde 1980, teve uma maior presença na mídia nacional e na cidade de João Pessoa, com a publicação de livros, documentários, filme, peça de teatro apresentada no Brasil e na Europa, artigos, seminários, dissertações e teses como também nome de condomínio, rua, praça, escola municipal, museu e caricatura em calçada.

Um dos caminhos utilizado por Anayde Beiriz na luta que abraçou foi o uso da comunicação, por meio da imprensa escrita, aproveitando o espaço para redigir matérias sobre a conjuntura social em que se encontravam as mulheres, as questões políticas e culturais da época. Discretamente, vai conseguindo consolidar-se num espaço público, eminentemente masculino, com publicação de artigos condizentes com o espírito emancipatório das mulheres.

Analisando as publicações dessa escritora, identificamos as preocupações dela em combater as formas de discriminação e opressão em que viveram as mulheres desse contexto. Nessa época, iniciavam-se as lutas por mudanças comportamentais e a adoção de novos hábitos na sociedade e, em todo Brasil e na Paraíba, convivia-se com lutas políticas e de mudanças de poder.

O período da Revolução de 1930, como é conhecido, foi palco de manifestações de vários grupos urbanos que consolidaram de modo mais intenso as transformações comportamentais e a adoção de novos hábitos. Conforme afirma Maria Nunes (2007), esses novos hábitos expressam a insatisfação da mulher diante da inexistência de espaço social próprio, da visão pejorativa de que muitas vezes era vítima, da falta de representante no domínio da política e da economia, a aspiração de autonomia e de igualdade com os homens, sendo tudo isso visto como uma ameaça à ordem familiar e, em consequência, a sociedade se via em perigo.

A Revolução de 1930, no Brasil e especificamente na Paraíba, ocorreu, não apenas pelos problemas da governabilidade do Estado, liga-



Retrato de Anayde Beiriz

dos às questões políticas, mas também pela regulamentação da sociedade, impondo os dispositivos de controle moral que ameaçavam a instituição familiar e patriarcal. Portanto, a política das oligarquias fundamentava a estrutura social. Essa Revolução também ficou marcada como “o despontar de uma nova civilização”, conforme pondera Michelle Perrot (1989, p. 31). Isso porque as mulheres foram envolvidas em guerras, revoluções, perseguições pela ditadura, representaram papéis de protagonistas na grande encenação do teatro-realidade. Elas transformaram e modificaram a história das relações de gênero.

Nessa perspectiva, a professora, poeta e ensaísta Anayde da Costa Beiriz é considerada o ícone da mulher guerreira paraibana que se entregou à vida com uma paixão arrebatadora, sem temor. Símbolo do feminismo, ela se destacou como participante dos primeiros ensaios modernistas na cidade. O nome dela está envolvido na Revolução de 30, inclusive sendo apontada como o estopim dessa revolução, pela tragédia do assassinato de João Pessoa, pelo advogado e jornalista João Duarte Dantas, com quem ela mantinha um relacionamento amoroso.

2. ANAYDE BEIRIZ, UMA MULHER À FRENTE DO SEU TEMPO, UMA MULHER EMANCIPADA

“Nasci
Nasceu
Cresceu
Namorou
Noivou
Casou Noite nupcial
As telhas viram tudo
“Se as moças fossem telhas não se casariam”
(BEIRIZ *in* JOFFILY ,1980)

De acordo com José Joffily (1980), Anayde Beiriz foi, sem sombra de dúvidas, uma mulher fascinante. Movida pela liberdade, sem medo de enfrentar o conservadorismo da época, essa importante personagem foi uma professora, escritora e poetisa paraibana. Tem seu nome ligado à História da Paraíba, pela tragédia que contribuiu para a Revolução de 1930, por ser a namorada do advogado e jornalista João Duarte Dantas, com quem estava em um relacionamento amoroso, como já indicado.

Encontramos em Anayde Beiriz importantes contribuições que mudaram consideravelmente o comportamento das mulheres do seu tempo, provocando mudanças significativas no olhar da sociedade sobre elas, bem como no olhar das mulheres para a sociedade.

Ao investigar sobre as mulheres do início do século XX, a biografia de Anayde da Costa Beiriz nos chamou a atenção. Nascida em 1905, na capital da Paraíba, foi uma mulher que deixou sua coparticipação na mudança de comportamento das mulheres paraibanas da década de 1920, com o seu estilo moderno. Anayde Beiriz horrorizou a elite retrógrada paraibana da época com suas atitudes vanguardistas. Integrou os grupos de intelectuais masculinos e espalhou a ideia da liberdade e da independência feminina. Anayde Beiriz, nascida e criada na capital paraibana, arremessou-se na vida social e intelectual de forma bem expressiva.

Numa época em que as mulheres de “decência” não podiam sair às ruas, Anayde foi uma mulher que não se sujeitava às regras sociais. Encarou os preconceitos na provinciana cidade paraibana e, para a sociedade, aos poucos, ela se tornou alvo de inquietação. Até mesmo por alguns colegas do meio literário, a escritora Anayde sofria preconceito, não só por ser uma mulher de ideias avançadas, como também por ser mestiça. Ela percebia a existência da discriminação dupla: pelo sexo e pela cor da pele.

Marcus Aranha (2005) destaca, em sua pesquisa, uma fala de Anayde, que representa bem essa questão: “Eu possuo essa impetuosidade despreocupada e desinteressada dessa raça mestiça de que descende minha família paterna, também possuo, num grau tão alto como ninguém talvez

possua, a altivez e o orgulho dessa raça de sertanejos a que pertence a minha mãe [...]” (p.96).

Para Aranha, nessa fala, Anayde mostra a coragem de se expressar diante do mundo preconceituoso que a rodeava. Corajosa, começava a defender sua miscigenação diante da aristocracia rural da Paraíba e de Pernambuco. Segundo Joffily:

Anayde Beiriz, com o diploma na mão de professora, foi uma das primeiras mulheres a andar desacompanhada nas ruas, usando o cabelo curto à *la garçonne*, e abandonar saias que se arrastavam pelo chão – símbolo da subordinação feminina. (JOFFILY, 1980, p.36).

O mesmo autor também destaca que Anayde era de família pobre. O pai era tipógrafo do jornal *A União* e a mãe, dona de casa. Ela nasceu em 18 de fevereiro de 1905, na atual cidade de João Pessoa e morreu em 22 de outubro de 1930 na cidade do Recife-PE. Seus pais conseguiram colocar a filha para estudar na escola estadual, onde só estudavam as moças de classe média da sociedade paraibana.

Durante os estudos, na Escola Normal Oficial do Estado da Paraíba, destacou-se, pois tinha clareza no falar e desenvoltura para proclamar os seus pensamentos. Nas atividades da escola, era sempre indicada para participar, assim como nos festejos do final do ano, para recitar poesias para todos. Em peças teatrais, sempre tinha um papel de destaque. Terminou o curso de magistério aos dezessete anos de idade.

Lutou para conseguir uma vaga de professora primária na capital. Foi discriminada logo cedo pela própria escola em que estudara, que não permitiu a presença de Anayde como professora, por ser conceituada como uma mulher avançada, com ideias de liberdade e de emancipação feminina. Assim, ela foi convocada para lecionar em uma escola na colônia de pescadores, em Cabedelo, a 16 km da capital João Pessoa, onde passou a trabalhar em dois turnos. Durante o dia, educava as crianças e, à noite, alfabetizava os jovens e adultos da vila de pescadores.

Sendo uma professora admirada pelos alunos, já revolucionava na didática de lecionar com carinho e zelo a cada um, com aulas dinâmicas e com a participação de todos, conforme demonstram alguns registros que ficaram no local onde lecionara. Manifestava grande interesse pela aprendizagem da turma e, além de ensinar, recitava poesias para os alunos e os incentivava a falar de sentimentos. Anayde enfrentou, dessa forma, o desafio de ensinar longe de sua casa e passou a morar com uma tia, na localidade onde se entregou integralmente ao exercício da profissão de educadora.

Embora fosse uma época em que as mulheres não podiam sequer pensar em votar, ela já expressava que a mulher e o homem deveriam ter os mesmos direitos políticos. Para alguns autores, ela era uma mulher com

atitudes modernas. Consequentemente, passou a ser conceituada como uma ameaça à moral e aos bons costumes da sociedade da época, pelos seus textos de linguagem atrevida e livre, assim como pelo seu comportamento, como um todo. Além de frequentar as festas à noite e sair sozinha, indo a certos locais, em horários em que a maior participação era masculina, ela deixava bem claro o que pensava sobre o sexo feminino. Joffily evidencia a seguinte fala dela:

Que mal pode fazer a mulher ao homem? Elevemos a mulher ao eleitorado, é mais discreta que o homem, mais zelosa, mais desinteressada. Em vez de a conservarmos nesta injúria menoridade convidemo-la a colaborar com o homem na oficina política. Que perigo pode vir dela? (JOFFILY, 1980, p.43).

Anayde era uma mulher que questionava a sujeição em que a mulher se encontrava e todas as formas de opressão e preconceitos. Dona de beleza rara, os olhos negros, um corpo esbelto que chamava atenção de todos. Em 1925, o jornal *Correio da Manhã* promoveu um concurso para escolher a mais bela jovem paraibana da época e Anayde foi a escolhida. Sempre procurando prosperar mais e mais, no ano de 1927, fez o curso de datilografia, sendo ela uma das primeiras mulheres a concluir o curso na Escola Remington, estudando na primeira turma mista da prestigiada Escola. Além de professora, destacou-se como poetisa, tendo escrito nas revistas *Era Nova* e *Ilustrada*. No Recife, Anayde publicou poemas e prosa no jornal *Pilhéria* e na revista de mesmo nome e ainda no *Jornal do Recife* e na *Revista da Cidade*.

Para compreender essa poética, destacamos a seguir um trecho do poema “O amor perdoa”, publicado por Anayde na *Revista da Cidade*:

O Amor Perdoa

Tinha uma boca que sorria sem alegria e uns olhos que choravam sem lágrimas... Loira como uma partícula de sol. Chamava-se: - um nome pequenino como ela mesma - Nelly. Viera de longe, lá das terras das montanhas geladas, dos lagos cristalizados, dos países nevoentos onde não há clareza de sol.

Tinha, por isto, a cor da neve que vestia o cume das montanhas da sua terra.

Conheci-a, de lá. Apresentou-me ‘a o amante, o romancista Jean Martin, por quem a sabia apaixonada.

– Encheu-me a vida de encantamento e o coração de amor – disse-me ele, alegre, um sorriso comovido no rosto simpático.

Foi isto há dois anos, quase. De então, não mais ouviu falar nela. (...) (BEIRIZ, Anayde, in: Revista da Cidade, 1928).

Esse poema narrativo, Anayde escreve em forma de diálogo,

numa linguagem fluida e moderna. Nesse trecho do poema, as ideias da autora, consideradas “avançadas”, evidenciam-se no momento em que ela apresenta uma mulher – Nelly – acompanhada de um “amante”. Isso rompe com os padrões morais da época, mas, mesmo assim, com esse poema, Anayde foi bastante elogiada pelos intelectuais pernambucanos. Ela publicou outro poema nessa mesma revista – Meu Boneco de Natal – igualmente elogiado pela crítica local.

Anayde apresenta, no poema, uma figura feminina que vem de fora, de outro país. Ao fazê-lo, evoca toda a modernidade que já era eferescente nos países europeus, principalmente no que se refere às mulheres. E, ao fazer o jogo antitético entre o sol daqui e a neve de lá, é como se autora percebesse que, para lidar com as reivindicações femininas, não era possível usar um discurso acalorado, mas seria necessária certa frieza, para não se deixar levar pelas emoções, até então atribuídas ao universo feminino.

Graças a publicações como a que expusemos, Anayde foi apontada como a primeira mulher paraibana na imprensa alternativa, encaixando-se no movimento modernista. Ela escreveu em seu diário:

Eu escrevo para criar um mundo no qual possa viver. Procuo criar um mundo como se cria um determinado clima, uma atmosfera onde eu pudesse respirar. Devemos conquistar nossa força e edificar nossos valores com base no desenvolvimento pessoal e na descoberta de nós mesmos. (BEIRIZ, citada por ARANHA, 2005).

Joffily (1980) considera que a luta de Anayde era “contra as desigualdades sociais, as injustiças e a discriminação da mulher [...]”. Lírica, com uma reflexão criadora, deixava-se evadir nos poemas. Para esse autor, ela recitava com a alma:

Usando os meios de comunicação para falar da autonomia feminina, escrevia em apoio ao livre arbítrio da mulher. Para Anyde, redigir era como o ar que se respira. Conforme Joffily (1980), o escrever para ela era uma necessidade humana, como ela própria revela no seguinte trecho: “Se você não respira quando escreve, não grita, não canta, então sua literatura será limitada. Quando não escrevo, meu universo se reduz, sinto-me numa prisão. Perco minha chama, minhas cores. Escrever para mim é uma necessidade.”(BEIRIZ, in: JOFFILY, 1980, p. 32).

Desabrochava-se, aos poucos, o querer de um mundo novo, formando uma nova consciência para uma nova mulher. Nesse contexto, o entusiasmo da modernidade reinava entre as feministas que desejavam

abandonar o lugar do privado para conseguir novos espaços para sua emancipação.

3. TECENDO E BORDANDO NO MUNDO LITERÁRIO

Considerando o que foi pesquisado, é pertinente afirmar que Anayde se destaca como mulher independente, audaciosa e guerreira que, graças às suas atitudes, colocou-se à frente de sua época. Ela lutava pelo direito de expressão, inovando e trazendo à tona uma visão moderna. Foi discriminada, incompreendida, perseguida, difamada, mas também foi amada pelos colegas intelectuais. Viveu sob uma pressão de extremo prejulgamento, na sociedade paraibana do século XX, sem se deixar abater.

Anayde não se prendeu à convenção moralista, sendo muito estudiosa, amante da leitura, recebeu algumas influências dos modernistas do Sul e de outros países. Atenta à leitura, principalmente de algumas autoras francesas como Emma Goldman e outras, foi sendo influenciada pelas ideias feminista vindas da França, nos anos 1920, em que a luta pela liberdade e igualdade era muito forte. Ela, uma professora, escritora e poetisa, que frequentava os ambientes literários e os saraus poéticos com opinião própria, afrontava a sociedade “medieval” paraibana com sua ousadia, sendo uma pessoa notável, forte e decidida para uma mulher do início do século XX (PIMENTEL, 2002).

Indo mais à frente do seu tempo, Anayde Beiriz, com 22 anos de idade, viveu um romance em que deixou florir e divulgar o amor. Na época, a mulher não podia expor seu verdadeiro sentimento e desejos carnis pelo homem. Os versos de amor que Anayde escrevia ocasionavam impactos entre os colegas intelectuais e chocava a sociedade. Isso pode ser percebido nos versos a seguir:

Volúpia do Vento
Oh meu prazer!
Sentir-se, penetrar-te
Em toda hora, em toda parte
Gozar teu ser
Ser por ti absorvida,
Encher com minha vida a tua vida. (BEIRIZ, in: JOFFILY, 1983, p.30).

Ao usar palavras como “prazer”, “penetrar”, “volúpia”, “gozar”, a autora evidenciava um terreno considerado impróprio, principalmente para as mulheres. Por causa desse vocabulário e de algumas temáticas utilizadas por ela, seus poemas eram considerados imorais ou até mesmo pornográficos para a época.

Outra análise que o poema nos permite é uma nítida inversão de papéis. Nele, o ato de “penetrar” é do eu lírico feminino que, ao fazê-lo,

permite ser absorvido pelo masculino. É a vida da mulher que preenche a do homem – “encher com minha vida a tua vida” – não o contrário. Nota-se um eu lírico feminino seguro de suas vontades e desejos, pronto para satisfazê-los “em toda hora, em toda parte”.

Também é pertinente notar que se trata de uma relação pelo prazer e não de submissão ou de um mecanismo sexual meramente realizado para garantir a reprodução. Há, na forma como os versos são construídos, uma exaltação ao sexo livre, carnal, libidinoso. Assim, ela era vista com ressalvas por causa das ideias progressistas em relação à mulher que defendia. “Além de censurada pelas colegas, a professora passou a ser detestada pelas esposas e depois seria execrada por toda gente... (JOFFILY, 1983).

Por essa postura incomum, a professora teve poucas amigas. Um colega intelectual indagou a Anayde, perguntando-lhe “o que mais ataca seus nervos?” e ela respondeu: “a presunção descabida e intolerável de certos literatos de água doce”. (JOFFILY, 1983). Essa resposta vem reafirmar o que apontamos anteriormente. De fato, mesmo no meio literário, ela se sentia hostilizada e sofria preconceitos.

A sociedade da época estava ainda muito ligada aos padrões machistas, carregando consigo ideias do período colonial, encontrando-se dividida entre escravos e latifundiários. Essa mesma sociedade era inimiga do trabalho fora do lar para a mulher e também não aceitava direitos iguais entre os sexos, em diversos segmentos sociais. O que restava para a mulher, portanto, era a costura, os bordados e outros serviços domésticos. Quando era de família rica, podia estudar o magistério para ser professora primária.

Nessa época, na Paraíba, não existia nenhuma faculdade. Apenas em 1934 é que é inaugurado o primeiro campus universitário da Paraíba, com sede em João Pessoa. A sociedade era regida pela ignorância cultural e baseada nos dogmas da Igreja Católica, que se preocupava em resguardar a honra e a moral da família paraibana.

É importante explicar que a história de vida de Anayde Beiriz está ligada à submissão em que as mulheres viviam no início do século XX. Ela é, no entanto, uma mulher que não foi capaz de suportar viver unicamente reservada para o lar, com a responsabilidade delimitada à formação moral da família e aos ensinamentos dos filhos, dentro das normas religiosas. Dona de ideias diferentes sobre a mulher e com visão inovadora, ela contesta, corajosamente, toda a sociedade tradicional e machista da cidade de João Pessoa.

Anayde foi, pouco a pouco, costurando sua posição entre os intelectuais da época, tecendo suas convicções vanguardistas às quais se alinhava. Quanto aos seus escritos, criava textos dotados de versos ardentes e livres, nos quais demonstrava almejar a liberdade de expressão para a mulher revelar o que sentia. Ela escrevia com uma reflexão real, expressando o desejo de um mundo melhor para todos.

Nessa perspectiva, Anayde da Costa Beiriz é conceituada como a figura da mulher paraibana que se entregou de fato à questão feminina, sem nunca ter participado de movimento algum. Como admiradora dos artistas da Semana de Arte Moderna de 1922, alcançou um importante espaço no universo literário, por seu próprio mérito e ousadia. Enfrentou a hegemonia masculina de igual para igual, tendo sido influenciada pelos artigos e livros de Nísia Floresta, uma feminista que lutou pelos direitos e pela educação feminina. Anayde usou a influência adquirida na imprensa escrita, através dos seus artigos, e se sentia na obrigação de propagar às mulheres o questionamento dos seus horizontes e quanto ao seu papel social.

De acordo com Nunes, (2005), a partir de 1920, as mulheres paraibanas começaram a expressar questionamentos acerca das relações homem-mulher, na disparidade social e no setor de trabalho, desafiando e resistindo ao sistema masculino. Exigiam a oportunidade de compartilhar com o projeto de modernização política do país que se apresentava como palco de mobilizações de vários grupos urbanos. Nesse ponto de vista, é relevante observar que as educadoras paraibanas, de forma discreta, já participavam da conjuntura sociopolítica e econômica da Paraíba, por meio dos discursos, textos literários, poemas e artigos publicados na imprensa local.

4. ANAYDE E JOÃO DANTAS: AMOR E CONFLITOS

Em meados dos anos 1930, o Brasil e, concomitantemente, a Paraíba estavam vivendo um período de total mudança. Houve, nesse período, algumas reviravoltas importantes, tanto na política como também no campo intelectual e nas questões da sexualidade humana. Em virtude das mudanças, os brasileiros apreendem o processo de modificação da mentalidade sexual que, embora vagaroso e ainda tímido, assustava por ser um assunto mesclado de muitos tabus. Trata-se de um período frágil, especialmente para as cidades mais retrógradas como era a capital João Pessoa da época, que vivia um momento de muita tensão na política, encaminhando-se para um novo sistema político eleitoral.

A Paraíba, como o país, também estava politicamente dividida. A política estadual era pleiteada por dois partidos: pela Aliança Liberal, de João Pessoa, que estava com o governo, e pela oposição do Partido Republicano, liderado pelo “Coronel” Zé Pereira, que governava no sertão. Nesse contexto revolucionário, destaca-se Anayde Beiriz, mulher de presença forte, audaciosa, que recebeu o apelido de mulher-macho, por ter uma postura lutadora e de princípios firmemente estabelecidos, o que era, até então, incomum para uma mulher.

Conforme aponta Aguiar (2005), o cenário era de conflito revolucionário. Uma “simples” professora, poetisa, uma mente brilhante e inquieta, vivia outro modelo de revolução. A luta dela era bem diferente das questões políticas dos homens: ela só queria a liberdade de amar. Tra-

zia uma grande inquietação contra o sistema patriarcal em que vivia, que ia aniquilando aos poucos o movimento intelectual paraibano. A questão relevante para a poetisa era apresentar seu pensamento de independência e poder escolher o caminho para sua própria vida. Todavia, as atitudes dela, a maneira como escrevia, tudo vai mostrando que ela não era tão simples assim e que sua vontade não era centrada em si mesma, muito menos se limitava às questões relacionadas ao amor.

No meio desse clima de agitação, Anayde participava dos movimentos culturais da cidade, publicando nos jornais da época artigos e poemas e sustentava com suas opiniões de vanguarda vários tipos de assuntos contemporâneos, como, por exemplo, a liberdade da mulher, o sufrágio feminino, e apresentava crítica ao governo, recomendando melhores maneiras de governar o Estado, desmentindo, mais uma vez, o pensamento de que a luta dela não tinha cunho político.

Por essas ideias e comportamentos, ela perturbava a elite paraibana ultrapassada, a começar por quando expressou o que pensava sobre o casamento. Para ela, em trecho citado por Joffily, “A escravidão do amor há um só destino. A prosaica descendência...”. (JOFFILY, 1980, p. 24), causando assim escândalo e ferindo a moral e os bons costumes da acomodada cidade nordestina.

À medida que as atitudes de Anayde Beiriz iam sendo formadas, foi sendo criada em torno de dela uma imagem negativa e preconceituosa, que acabava demarcando uma fronteira de hostilidade contra ela, misturando as questões da profissão com a vida particular.

Evidentemente, a forma como Anayde se comportava, no cerne da sociedade, era motivo para que falassem dela, sempre de maneira pejorativa. Ela ousava se colocar onde nenhuma outra mulher se permitia. Um exemplo é a frequência dela nos saraus literários. Como afirma Marcus Aranha (2005), os saraus literários eram geralmente promovidos pelo médico José Maciel, em sua residência, em que só havia a participação de uma mulher: a professora Anayde Beiriz.

Num desses encontros, ela é apresentada a João Dantas, advogado e jornalista, homem solteiro e livre, adversário político do presidente do Estado da Paraíba, João Pessoa. Na época, as questões políticas eram bem presentes nos encontros dos intelectuais. Depois desse encontro, os dois, Anayde e João Dantas, só foram separados pela morte, causada, assim, pela tragédia da revolução de 1930. Aranha afirma:

Anayde conheceu os ardores de uma paixão amorosa que a conduziram à morte. Por amor, viu-se envolvida na tragédia política que causou a morte do governador da Paraíba, João Pessoa, e também a do seu amado, João Dantas. Seu nome, sua reputação, sua vida privada foram arrastados pela violenta maré de ódio e sangue que abalou a Paraíba naquele ano.

Segundo Lau Siqueira, poeta gaúcho adotado pela Paraíba, “Anayde foi “assassinada” naqueles 22 de setembro... pela hipocrisia, pela decadência e pelas mentiras do nosso tempo” (ARANHA, 2005 p. 40).

Ao conhecer João Dantas, em Anayde floresceu o amor, encontrando no jovem advogado tudo aquilo que sempre desejou. O envolvimento amoroso do casal aconteceu no contexto histórico exposto anteriormente – um período difícil, em que a mulher ainda se via aprisionada nas ditaduras sociais.

A moça, estudada e ousada para o momento, vê em João Dantas a chance de viver o sentimento do amor que ela tanto revelou em seus versos e prosas. No entanto, a aventura amorosa entre o casal não era bem vista pela sociedade paraibana. Era pretexto de censura e gozação, por ser um amor livre, no qual o casal expressava todo sentimento em público.

Uma vez que não eram casados, todo aquele amor incomodava, servia para ela ser discriminada e apontada na rua. Anayde, uma moça intelectual, leitora, apaixonada, feminina, o que fazia dela uma mulher moderna, uma libertadora do feminismo, resolveu viver a intensidade do amor com João Dantas, que correspondia a toda paixão que a moça expressava. O autor Aranha, em seu livro, publicou as cartas de amor escritas por Anayde, em que ela afirma:

Ouse, ouse...tudo! Não tenha necessidade de nada! Não tente adequar sua vida a modelos, nem queira você mesmo ser um modelo para ninguém e acredite: a vida lhe dará poucos presentes. Se você quer uma vida, aprenda... a roubá-la! Ouse, ouse tudo! Seja na vida o que você é, aconteça o que acontecer. (ANAYDE, *Citada por* Aranha, 2005)

O verbo que inicia o texto supracitado traz em si um espelhamento da personalidade de Anayde: ousar. E a ousadia dela residia justamente em não se adequar a modelos ditados pela sociedade. E, em um exercício dessa liberdade, permite-se viver um relacionamento fora dos padrões.

Joffily (1980) relata esse romance entre Anayde e João Dantas, acontecido em meados de 1928 a 1930, como sendo uma relação baseada na cumplicidade. Com ideologia revolucionária, ele, poético, escritor, jornalista e advogado, era habilidoso no discurso intelectual. Líder do partido político, era ligado ao coronel Zé Pereira.

Assim, o amor entre os namorados foi vivido em poesias. Eles escreviam tudo o que sentiam e desejavam entre si. Correspondida, Anayde Beiriz viveria uma aventura amorosa que todo jovem deseja viver, tornando-se para João Dantas a companheira, a amada, a amante. Tal amor enfrentaria um tempo de turbulência na sociedade paraibana, pois os ânimos estavam

exaltados entre os adversários políticos.

Antes, porém, desse romance, Anayde havia se relacionado com um rapaz chamado Heriberto, cuja família não aprovou o relacionamento, devido ao fato de ambos serem de classes sociais diferentes: ele, estudante de medicina, no Rio de Janeiro, foco da cultura europeia; ela, professora primária, sem nenhum prestígio social e econômico. Com a impossibilidade de ficarem juntos, Heriberto lhe confidencia, em carta:

Oh! Mulher divina! Que poder tens tu para escravizar-me? Por que a tua imagem não se apaga da minha lembrança? Que poder tens tu, para tornar a vida de um homem num constante sonho de amor? Não és humana, és mytho! (Heriberto, Rio, s.d. *apud* ARANHA, p. 151).

Essa forma como o rapaz a via nos serve de parâmetro para fazermos uma analogia à visão de toda a sociedade paraibana da época sobre ela. Um “mito” é algo que a compreensão humana não explica, algo que foge ao costumeiro e, por isso mesmo, assusta.

Anayde representa, portanto, essa simbologia, pelo seu comportamento tão adverso, dentro da sociedade paraibana. No entanto, no novo relacionamento, não havia o problema anterior – a diferença de classe – mas ela se depara com outro, talvez ainda maior, por estar ligado a questões político-partidárias.

Com o forte confronto político, João Dantas acabou foragido no Recife, alimentando o contato com a moça, mesmo a distância, por meio de cartas. O romance passa a ser intenso, confesso e repleto de juras de amor. Embora seja vivido com poesias, versos e prosa de amor, havia também erotismo no que eles escreviam um ao outro, na euforia da paixão. Todos os escritos foram guardados no cofre, no escritório de João Dantas.

Com a morte de João Dantas na prisão – ele foi degolado juntamente com outro que fora preso junto com ele – Anayde se sentiu julgada pela sociedade, censurada publicamente por pretextos políticos e morais, tendo sua vida exposta em público. Viu-se, pois, abalada de todas as maneiras, tanto profissional como moralmente, marcada por todos como sendo a “prostituta do bandido que matou o Presidente” (JOFFILY, 1980, p. 46). Acuada, desesperada, sem ter onde se abrigar e ainda isolada do mundo e banida da sociedade, cometeu então suicídio, em 22 de outubro de 1930, sendo enterrada como indigente no Cemitério de Santo Amaro - PE, Certidão de Óbito Nº 2585. Por muitos anos sua memória foi silenciada e repudiada pelos paraibanos.

Em seus artigos, podemos considerar Anayde Beiriz como libertária e marcada pela fatalidade. Entretanto, se partirmos da análise sociológica de Durkheim (1986), em que ele aponta o suicídio como resultado

de diversos fatores sociais, essa história ganha outra conotação. Torna-se possível antever o resultado de um julgamento social, não de uma fatalidade simplesmente.

Trata-se de uma mulher que suportou o que suporta alguém que almeja mudanças e luta contra as convenções enraizadas da sociedade, ditadas, em geral, por pequenos grupos que têm o poder sociopolítico nas mãos. Além disso, ela foi vítima, não só de preconceito social, racial e sexual, mas também do julgamento coletivo, como resultado de uma comoção maquiada pelo grupo político, ao qual pertencia João Pessoa.

Apesar disso, pode-se constatar que Anayde Beiriz viveu a vida que quis. Relacionou-se com quem escolheu para amar. No fim, pagou o preço pela liberdade de escolha. Foi perseguida, como todo desbravador, e sofreu como consequência a própria morte.

Muito se discute a importância de Anayde Beiriz, uma mulher intelectual, apaixonada pela poesia e pela liberdade do corpo e dos pensamentos. Uma pessoa que não se entregava às regras impostas às mulheres da década de 1920. Ela almejava um tempo novo, e sabia que esse tempo não tardaria a chegar. Para muitos, ela ficou apenas conhecida como sendo a amante de João Dantas, principal inimigo e assassino do então presidente da região, João Pessoa. E por esses motivos, a sociedade machista paraibana, por muito tempo, omitiu a verdade sobre quem era ela.

Segundo Marcus Aranha (2005), para repudiá-la, deram-lhe os adjetivos de “prostituta de João Dantas”, “Amante do assassino” e “vagabunda”. Segundo o autor, o que fizeram por muito tempo fez com que os paraibanos acreditassem que Anayde tivesse sido a incentivadora da morte de João Pessoa. Enquanto João Pessoa ganhava o título de “herói”, com várias honrarias, ela recebia a discriminação e o abandono por mais de 50 anos, tendo sua imagem rotulada como de uma mulher imoral e vulgar naquela época.

Somente nos anos de 1980, os historiadores paraibanos Wellington Aguiar, Marcus Aranha e o Centro da Mulher 8 de Março² foram reconstruindo

2 O Centro da Mulher 8 de Março nasceu de uma ampla articulação de mulheres paraibanas e familiares de mulheres vitimadas por lutarem contra a violência, a opressão e a impunidade, em maio de 1990, período marcado por várias formas de violência contra a mulher, inclusive assassinatos. Pela sua filosofia de trabalho e de ações a serem desenvolvidas, compreendeu-se, desde a sua fundação, que não se poderia restringir esta entidade de ideais tão amplos, daí chamar-se Centro da Mulher. Assim, decide-se fazer uma homenagem às mulheres, em especial à data internacional do 8 de Março, comemorado em todo lugar; significa dizer que as mulheres de todo o mundo são homenageadas pela entidade. O Centro da Mulher 8 de Março está sediado em João Pessoa, Paraíba, no nordeste do Brasil, uma das regiões mais carentes do país, onde os índices de mortalidade materna e infantil se equivalem aos da África, ocupando o 3º lugar em relação à violência contra a mulher em todo o país, segundo dados da Rede Globo de Televisão, em 1994. Fonte: (<http://www.ceddhc.pb.gov.br/educdh/experie2.htm> acesso em 22/04/2016).

do uma nova imagem, a partir de um olhar crítico dos fatos e de documentos voltados à restauração da verdade sobre a mulher que foi Anayde Beiriz.

Hoje há o devido reconhecimento acerca da importância de Anayde Beiriz para a compreensão exata da história do feminismo na Paraíba e no Nordeste. Então, a reconstrução da memória dela foi feita por meio de algumas fontes, como diários, as cartas, depoimento da família e de uma religiosa que conviveu com Anayde até a morte, no convento no Recife-PE. Restaram poucos dos seus escritos, porque a maioria de seu trabalho foi queimada, no período da revolução de 1930.

A partir de 1980, José Joffily publicou o livro *Anayde Beiriz e morte na Revolução de 30*. Tendo este livro como referência, foi produzido um filme em 1983, pela produtora de cinema Tizuka Yamazaki, “Paraíba, Mulher Macho”, para resgatar a imagem da professora Anayde Beiriz. A cineasta narrou a história, dando à professora um grande destaque na linha do erotismo e da sexualidade, com algumas cenas de nudez exagerada.

Assim, o filme revelou mais a sexualidade da personagem do que as ideias de liberdade ou o talento dela como escritora e as importantes práticas de emancipação feminina. Isso fica claro nas cenas em que Anayde Beiriz é destacada como a amante do assassino João Dantas. Foram essas cenas que geraram discussões entre os intelectuais e os defensores do feminismo paraibano.

Para Alômia Abrantes (2008), em sua dissertação de doutorado, o filme, “Paraíba, Mulher Macho” envolve questões morais e políticas. A autora, ao desenvolver sua escrita, vai construindo e desconstruindo os mitos e peripécias que rodeiam o tema de sua pesquisa: a ambiguidade que traz a afirmação Paraíba Mulher macho. Ela parte do significado atribuído à mulher nordestina, à paraibana forte e viril, até à questão da honra tão valorizada no início do século XX.

A pesquisadora não viu esse lema como uma forma pejorativa para com a figura feminina, mas sim o sentido positivo que daria à mulher paraibana o paradigma de uma “mulher que luta e batalha, que possui a coragem de um homem”. Abrantes vai construindo sua tese, na figura de Anayde Beiriz, como a “construção de uma feminilidade, aquela tecida no entrelaçamento do modelo de masculinidade do passado constantemente reiterado...” (ABRANTES, 2008, p. 181).

Ao analisar o filme, Marcus Aranha (2005) considerou que ele não valorizou a importância da mulher em busca da emancipação. Para ele, o filme foi uma aberração, com cenas de vulgaridade da personagem “Anayde”, à qual se atribuiu o apelido de “mulher macho” e “vadia”, sem moral nenhuma para a sociedade, ocultando ainda mais a verdade sobre uma mulher injustiçada em seu tempo.

Aliás, em torno da polêmica sobre Anayde, em 2005, Marcus Aranha faz uma pesquisa junto à família da professora para entender tal

polêmica dos inúmeros rótulos destinados a ela. O importante para o autor era recuperar das cinzas a história verdadeira de Anayde. Conforme a pesquisa, nos documentos, cartas e diário, ela se apresenta como sendo uma mulher guerreira nas questões femininas, de personalidade firme e de caráter forte, cheia de coragem para amar e ser livre. Para ele, ela foi “apaixonada, inteligente, sonhadora, romântica, amada, virtuosa e ferida”.

O resgate dessa figura, não mais como uma “mulher macha”, mas como uma guerreira na luta pela autonomia dos direitos da mulher vai se constituindo mediante intensos debates na imprensa e na produção historiográfica do Estado da Paraíba, inclusive nas produções de livros e artigos. Um dos historiadores que deram início ao trabalho de tirar a imagem negativa da escritora Anayde Beiriz foi José Joffily, no livro que citamos anteriormente. Nesse livro, o autor tenta “quebrar o silêncio” acerca da imagem construída desde a tragédia em torno da Revolução de 1930.

O historiador produz sua obra retificando a imagem fixa de Anayde, delineando um novo perfil dela como uma “heroína” injustiçada. A pretensão dele foi demonstrar que ela foi uma vítima, empurrada no abismo da disputa de poder de uma sociedade “hipócrita”, “conservadora”, que ocultava a verdade dos fatos acontecidos ao longo do governo de João Pessoa e as causas que realmente levaram ao assassinato do estadista.

Na cidade de João Pessoa, algumas homenagens foram oferecidas à memória de Anayde Beiriz: o nome de uma rua, imagem de caricatura na calçada, conjunto habitacional, uma escola municipal, praça, troféus, prêmio, entre outras homenagens. A assembleia Legislativa da Paraíba homenageou Anayde Beiriz com o prêmio Diploma Mulher-cidadã, por considerá-la protetora dos direitos da mulher e das questões de gênero no Estado. Como também em produções artísticas, o cinema e a literatura, houve estímulos à reflexão e pesquisas sobre a admirável paraibana, que merece de nós, paraibanos ou não, o respeito à sua atitude de vanguarda, à sua extensão intelectual.

Em 1992, o jornal *O Norte* publicou, na edição de 21 de maio, um artigo explicando por que a memória de Anayde Beiriz devia ser resgatada e lembrada na História da Paraíba: “Anayde Beiriz merece ser lembrada como uma mulher que superou preconceitos de uma sociedade autoritária, machista, discriminatória.” (*O Norte*, 1992).

Hoje, mais de 36 anos depois da publicação do jornal *O Norte*, o tema acerca da luta feminina na Paraíba continua atual. E, diante dessa relevância, deixamos a presente pesquisa para que sirva não só como retomada de uma temática, mas que possa subsidiar futuros pesquisadores.

5. CONCLUSÃO

Concluimos que a história dessa mulher paraibana, e de tantas outras pelo Brasil, são extraordinárias para o registro da narrativa brasileira. Entende-

mos o papel significativo da influência da mulher como ser social articulado com o fato social. As transformações e as dificuldades que vieram dessa época podem ser constatadas em todas as esferas da sociedade, nas questões de um indivíduo, homem ou mulher. Entendemos melhor assim o significado da palavra “emancipar”, que é sinônimo de empenho pela justiça, igualdade e independência dos indivíduos. A liberdade pela qual a mulher tanto lutou está na alforria de ir além, ressaltar as condições de desigualdade nas afinidades de gênero, para que a mulher, enfim, possa ser vista como uma pessoa livre, capaz e independente.

Compreendemos que Anayde Beiriz tenha revolucionado, de forma evolutiva, a arte de ensinar e de escrever a história das mulheres paraibanas, o que se reflete, de maneira bastante significativa, na história das mulheres em todo o território nacional.

Outro fator importante para apresentar as práticas femininas de Anayde Beiriz, encontramos nos artigos, que passam a ser usados como arma de luta. Através da publicação nos jornais e revista, seus textos se tornavam um importante instrumento por meio dos quais ela expunha seu posicionamento moderno, diante das “bandeiras” levantadas pelas feministas. Para Anayde Beiriz, os artigos se tornam espelhamento de si, um lugar em que seus sentimentos de liberdade, de coragem e de conquista se refletiam nos leitores, contagiando-os, de forma transgressora e vanguardista.

E é justamente no campo do discurso que reside a maior diferença entre Anayde Beiriz e as mulheres da época, em que defendia a transgressão como agia nesse sentido, mostrando ser bastante coerente com as ideias de liberdade e de igualdade que defendia para mulher. Anayde não teve um fim natural, diante dos fatos conturbados do contexto de sua morte; suicidou-se, supostamente por envenenamento, sendo enterrada como indigente. A sociedade paraibana desejou apagar o nome Anayde Beiriz da história por mais de 50 anos.

Entendemos que as práticas femininas/feministas da professora paraibana aqui tratadas se fundamentaram na luta por direitos e soberania política, econômica, social e familiar da mulher. Além disso, temos também a busca pelas mudanças de paradigmas construídos erroneamente com relação às mulheres. Nesse sentido, ela aproveitou o espaço da imprensa local para, por meio dos textos publicados, divulgar sua ideia inovadora.

Outras contribuições também marcantes da batalha pela emancipação feminina surgem no campo do trabalho e na moda. Com a guerra, a mulher teve que sair de casa para trabalhar, já que o homem estava sendo convocado para a guerra. Assim, descobre no trabalho uma nova forma de emancipação e uma chance de alcançar o espaço público.

Na Paraíba, as obras literárias femininas começam a ser visíveis muito tarde, somente a partir dos anos 1920, uma época em que a sociedade preconizava a ordem e o progresso por intermédio da imagem masculina.

O contexto histórico era bastante árduo entre o poder das oligarquias. E, nesse contexto, Anayde deixou suas contribuições, evidenciadas na historiografia paraibana, revelando a importância expressiva e a necessidade da atuação da mulher na estrutura da história e da sociedade.

Nosso propósito foi deixar registradas as manifestações pela emancipação feminina deixadas por Anayde Beiriz, por meio dos registros históricos e literários encontrados, e com o respaldo de outros pesquisadores que também se debruçaram sobre esse tema, resgatar a história de luta dessa mulher que, ao mudar o curso da própria história, provocou um desejo de mudança em âmbito nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Marcus. *Anayde Beiriz-Panthera dos Olhos Dormentes*. João Pessoa: Manufatura, 2005.
- DURKHEIM, E. Suicídio: definição do problema; suicídio egoísta; suicídio altruísta; suicídio anômico. In: _____. *Émile Durkheim: sociologia*. Organizador José Albertino Rodrigues. São Paulo: Ática, 1981.
- JOFFILY, José. *Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1980.
- JOFFILY, José. *Revolta e revolução: Cinquenta anos depois*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- NUNES, Maria Lúcia da Silva. *Sociedade, mulher e educação nos romances de Graciliano Ramos*. Natal – RN, 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, defendida em 2005.
- PERROT, Michelle *As mulheres ou os silêncios da História*. Bauru: Edusc, 2005.
- PIMENTEL, Altimar de Alencar. *Cabedelo. V. II. Cabedelo - PB: Prefeitura Municipal de Cabedelo*. Secretária de Educação, Esporte e Cultura. Cabedelo, 2002.
- SILVA, Alômia Abrantes. *Paraíba, mulher-macho: tessituras de gênero, desafios da história* – tese, 2008.

JORNAIS E REVISTAS:

- Paraíba, Estado da. JORNAL A UNIÃO. João Pessoa, 25 de janeiro de 1922.
- Paraíba, Estado da. JORNAL A UNIÃO. João Pessoa, 20 de novembro de 1920.
- O Sexo Feminino. Campanha da Princesa, 1873/74. BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro. Obras Raras.
- REVISTA ERA NOVA, Num 96, ano VI - 1926.
- REVISTA DA CIDADE, Recife, ano 3, n. 100, 21 abr. 1928.

REVISTA O CRUZEIRO de 2 de agosto de 1930.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 9, nº 18, agosto de 1989/setembro de 1989.